

13ª Edição - Jul. 2024 - Nov. 2024



descobrimentos[®]

WORLD TRAVEL & TOURS





04 **City Break:**
Marraquexe



08 **Sazonal:**
Puglia

16 **Destino Capa:**
Sardenha



20 **A 2:**
Escapadinha
no Campo

24 **Natural:**
África:
Akunamatata



26 **Em Portugal:**
Gerês

28 **Roteiro:**
Índia



32 **Intimista:**
Corfu

34 **Têê Magui:**
Felicidade
= Viajar?



37 **Passageiro
Frequente:**
Japão

40 **Travel & Taste:**
Não Tenhas
Medo!



42 **ActiveTeam24:**
O Mundo
é um livro...



Editorial

“A VIAGEM!”

Bem-vindos à edição de verão da nossa revista de viagens!

Nesta época do ano, o sol brilha mais intensamente, a brisa do mar é refrescante e as oportunidades de explorar novos destinos são infinitas, sendo o momento perfeito para aventuras e descobertas.

Neste sentido, convidamos os nossos leitores a explorar destinos exóticos com paisagens de tirar o fôlego, praias paradisíacas com águas cristalinas e cidades vibrantes cheias de história e cultura.

Queremos inspirar-vos a embarcar em viagens inesquecíveis, criando memórias, conectando-se com o mundo de uma maneira única.

Que cada página desta nossa edição seja uma inspiração para explorar novos horizontes, conhecer novas culturas e vivenciar momentos inesquecíveis, realizando a viagem dos seus sonhos, pois uma viagem inesquecível fica em nós para sempre...

Boa viagem!

Paulo Gomes
PhD Neurociência
Aplicada & Neuro
Brand Manager



Marraquexe:

“A Cidade Vermelha”

Nesta edição falamos de Marraquexe. Podemos considerar a cidade dos cinco sentidos, em que nos podemos deslumbrar nos labirínticos mercados (conhecidos por souks), onde o aroma das especiarias paira no ar, a sua típica doçaria, coberta de mel e amêndoa, onde as suas peles se misturam com tapeçaria, ourivesaria e outro artesanato local.

A famosa Medina, os Jardins Kabahs, as suas mesquitas e a encantadora praça Jemaa El- Fnaa. Há quem considere que se deva passar um dia inteiro por esta praça, pois esta vai se transformando e mudando de cor e de cheiros e pessoas... Ao anoitecer veste-se de uma mística mistura de comerciantes, encantadores de serpentes, tendas com pequenos petiscos, senhoras a pintar as mãos com hena, para desejar sorte às suas noivas (e claro, as turistas também adoram fazer, em jeito de brincadeira).

Outros pontos de visita a não perder serão o Palácio El Badi e os túmulos saadianos. As suas casas típicas, conhecidas por Riads, com a sua peculiar arquitetura, construídas para dentro, tendo pátios interiores com fontes e piscinas e os quartos em volta deles. Podem ter vários andares e alguns têm um terraço com cadeiras, mesas e sofás. É habitual servir-se o pequeno almoço nesse andar. Outra experiência diferente é o som do chamado para oração, sendo feita 5 vezes ao dia e tem a função de chamar os muçulmanos para fazerem a oração.

As suas ruas, um tanto confusas e magnéticas, estão pintadas de cor de tijolo e por isso Marraquexe é apelidada de “Cidade Vermelha”. A cidade vibra e tudo gira à volta do centro, onde está a medina, o comércio local, a zona fortificada, que é considerada património mundial da Unesco. Este é o ponto de partida principal para descobrirmos Marraquexe.



A partir dali também se podem fazer visitas ao deserto de Merzouga ou Zagora.

A cerca de 150km de Marraquexe, na zona montanhosa entre o Médio Atlas e o Alto Atlas, estão as mais altas cascatas de Marrocos: Cascatas de Ouzoud, cujo nome deriva das centenas de oliveiras que a rodeiam (na língua berbere, “ouzoud” significa azeitonas).



Esta cidade tem muita atividade comercial e é muito turística, contudo para quem a visita, não perde a sua essência, cultura e tradições. Os seus vendedores locais, sobretudo nas ruas, ainda negociam de forma inteligente os seus produtos.

Marraquexe é uma cidade a não perder de vista e fica na memória de quem a visita.

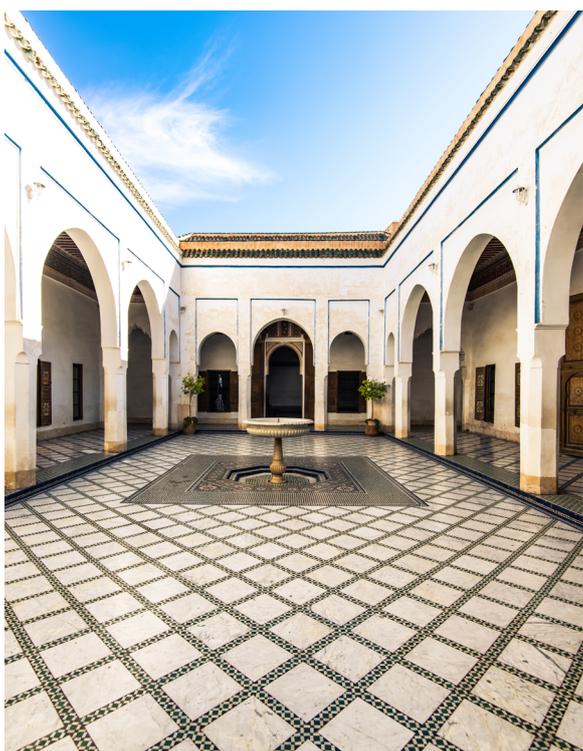




Em Marraquexe encontrarão de tudo: espectáculos de belly-dance, tatuagens em Hena, animais exóticos, encantadores de serpentes, saltimbancos, um comércio efusivo com todo o tipo de produtos típicos, vários restaurantes de cozinha tradicional, europeia, ou de fusão, principalmente entre a cozinha francesa e a cozinha marroquina. É um lugar mítico em Marrocos onde a imaginação e o sonho entram pela realidade e pelas ruas agitadas da cidade.

De outras actividades disponíveis e que a Descobrimos vos poderá proporcionar, deveremos destacar os passeios de sidecar pela medina, voos em balão de ar-quente, workshops de culinária, tratamentos nos típicos hammans, rotas em camelo, em moto 4 ou em buggies pelo deserto de Agafay, com paragem num luxuoso acampamento para almoço e mergulhos na piscina local, golf, parapente, desportos náuticos no lago Lalla Takerkoust, rafting nos rios locais, saltos de paraquedas na cordilheira do Atlas.

São inúmeras as possibilidades em Marraquexe que farão com que se apaixonem com o que vão encontrar!





Puglia: O “Calcanhar da Bota” Italiana

Puglia é o segredo que vais querer desvendar este Verão. Com praias de água azul-turquesa, riqueza histórica e paisagens inesquecíveis, esta região italiana tem tudo para umas férias de sonho. Com voos diretos do Porto todas as terças-feiras até 3 de setembro é a grande novidade de 2024 no mercado português. Aproveita esta oportunidade e parte à descoberta de Puglia!



A região de Puglia fica situada no sul de Itália, mais concretamente na península vulgarmente conhecida como o “salto da bota” de Itália, sendo Bari a sua capital. Banhada pelas mares Adriático e Jónico, é a região mais oriental de Itália, fazendo fronteira com as regiões da Campânia, Molise e Basilicata.

Polignano a Mare, a terra natal do famoso cantor Domenico Modugno (autor de Volare), tornou-se um dos maiores cartões postais da costa adriática da Puglia, muito por culpa da sua idílica localização.

Polignano a Mare fica empoleirada sobre falésias calcárias, onde se formaram largas dezenas de grutas, entre elas a enorme Grotta Palazzese, que alberga um hotel de luxo e um dos restaurantes mais impressionantes de todo o país.

Para explorar Puglia (ou Apúlia), primeiro é necessário decidires o que queres fazer: praias, gastronomia, cidades medievais... Sim, este destino oferece tudo isto e não terás outro lugar de Itália tão diverso quanto este. Não é à toa que se está a tornar num dos locais mais procurados no verão europeu!

Cidade: A região é rica em pequenas cidades medievais, como Cisternino, Alberobello (a famosa cidade dos trulli), Locorotondo, Ostuni, Lecce (esta não tão pequena), Martina Franca, Polignano a Mare, entre outras. Perde-te pelas ruelas e aprecia uma boa refeição italiana com a deliciosa gastronomia típica de Puglia, que pela sua proximidade ao mar apresenta uma variedade infinita de peixes e mariscos, mas também o orecchiette (massa que lembra o formato de uma orelhinha), ragu de bracciola (aquela carne cozida deliciosa), enchidos e burrata são omnipresentes. (esperamos que não estejas a ler este artigo com fome).

Praia: São imensas as opções para fazer praia nesta região; poderás optar por passar o dia num Lido, que são pedaços privados de praia, com beach clubs onde se paga (em média €20) por uma espreguiçadeira. A maioria das praias são de pedra e também existem as Spiaggia Libera (praias públicas), para quem se quiser esticar sem ter que pagar por isso. Existem praias de pedra (corais) ou areia; deixamos-te aqui algumas das melhores da região:



Punta Prosciutto

A praia de Punta Prosciutto, também conhecida como Palude del Conte, com dunas de areia branca que se encontram com águas azuis do mar Jónico é uma das mais bonitas de Puglia.

Pescoluse

A praia de Pescoluse fica na cidade de Salento e é considerada como “as Maldivas de Itália”.

A fama deve-se à sua água cristalina que não fica atrás das águas das famosas ilhas asiáticas. Pescoluse também é repleta de dunas fantásticas e tem uma areia muito branquinha.



Porto Selvaggio

A praia de Porto Selvaggio é uma das praias mais impressionantes da região de Puglia. Localizada entre Gallipoli e Porto Cesareo, além do mar azul cristalino típico da região, o que mais chama a atenção nesta praia são as suas duas grutas: a grotta del Cavallo e a grotta delle Corvine. (Uma curiosidade: foi na Grotta del Cavallo que foram encontrados os mais antigos restos mortais do “homo sapiens” em toda a Europa.)





Torre Dell' Orso

A baía da torre do Urso, banhada pelo mar adriático é uma bela praia caracterizada por dois rochedos conhecidos como “due sorelle” (duas irmãs).



Porto Badisco

Além das águas claras típicas de Puglia, o que torna a praia de Porto Badisco tão especial é o seu incontornável valor histórico. Segundo o poeta grego Virgílio foi nesta praia que Eneias desembarcou ao conseguir fugir de Tróia. Além disso, é nesta praia que fica a Grotta dei Cervi um dos locais arqueológicos mais importantes de todo o continente europeu.

SARDENHA:

A Ilha Azul



Esta ilha italiana, localizada no Mediterrâneo, é um autêntico paraíso. São 24.090 km² de área, 1.849 km de costa e 1,65 milhões de habitantes. É a segunda maior ilha do Mediterrâneo, logo a seguir à Sicília, e atrai um número impressionante de turistas durante o verão.

Esta região autónoma é composta por oito províncias, cada um delas com algo especial para conhecer e desfrutar: onde está a capital Cagliari, Sassari Nuoro, Oristano, Olbia-Tempio, Ogliastra, Carbonia-Iglesias e Médio Campidano.

A ilha foi sucessivamente povoada por fenícios, cartagineses, romanos, árabes, bizantinos, espanhóis (catalães), saboianos e italianos, e todos eles deixaram marcas incontornáveis. Rodeada de praias magníficas e do mar em tons de azul turquesa, a que se alia um fantástico clima, com primaveras e outonos amenos, verões quentes e invernos suaves, é sem dúvida um destino de luxo, mas que soube preservar a sua beleza natural, envolta no aroma do alecrim, do tomilho e dos orégãos, que nascem entre os granitos rurais.

Sardenha é famosa principalmente pelas suas praias, mas o que veio trazer a ilha para a “ribalta” nos tempos modernos foi a Costa Esmeralda, o local mais charmoso da ilha e um dos destinos mais exclusivos do mediterrâneo.

Localizada no nordeste da Sardenha, entre a vila de Porto Rotondo e Baja Sardinia, tem cerca de 56 km de baías maravilhosas com águas azuis e cristalinas, e quase duas dezenas de praias, a maior parte em pequenas baías. Aqui debes ter em atenção que o acesso a algumas delas implica o pagamento de uma taxa de entrada.

Foi em Porto Cervo que a Costa Esmeralda “nasceu” no ano de 1962, de acordo com ordens dadas pelo Príncipe Karim Aga Khan IV, que pretendia desenvolver esta zona.

Esta região é sinónimo de cor: o granito rosa, as pedras brancas, os espaços verdes e o azul do mar são o cenário perfeito para muitos famosos virem até aqui passar as suas férias.



Porto Cervo

Porto Cervo é a alma e o coração de todo o glamour que se vive por estas bandas. Todas as grandes marcas internacionais de moda, automóveis e artigos de luxo estão aqui presentes (um pouco como em Mikonos na Grécia). Durante o verão, existe junto à marina um deck especial da marca Harrods de Londres com lojas, restaurantes e bares que há noite são ponto de encontro para muitos dos que frequentam a Costa Esmeralda. Esta marina alberga iates daqueles que pensas que só existem nos filmes e, para os que apreciam ver estes autênticos “Ferraris dos mares”, têm aqui um catálogo difícil de encontrar noutras marinas da europa.

Como não poderia deixar de ser, a Costa Esmeralda e as celebridades espalham-se por uma costa lindíssima. Destacamos aqui alguns pontos por onde poderás fazer uma visita e deliciar-te com paisagens, artesanato e arquitetura que faz parte do imaginário de muitos.

Porto Rotondo

Porto Rotondo é famosa pela sua vida noturna e praias fabulosas, um local de sonho que “compete” com Porto Cervo como o local mais “in” da ilha.



Golfo Aranci

Em Golfo Aranci, a sul de Porto Cervo, destacam-se os seus tesouros naturais e biodiversidade, podendo mesmo ser considerado como um “museu” a céu aberto. As suas magníficas grutas, muitas delas acessíveis apenas de barco, salpicam uma costa recortada por falésias e enseadas.



San Pantaleo

San Pantaleo é uma pequena povoação no interior da Costa Esmeralda que, há uns anos atrás iria fazer-te gastar muitos rolos fotográficos. Hoje em dia, irás precisar de mais uns “megs” de memória no teu telemóvel para as inúmeras fotografias que irás tirar. As suas pequenas casas com “aquele” toque italiano e as videiras a cair pelos seus muros albergam hoje inúmeros restaurantes e pequenas lojas de artesanato. É um local que vale mesmo a pena visitar e programar aí um almoço ou um jantar... ou simplesmente um delicioso gelado.



Baja Sardinia

Baja Sardinia é conhecida pela sua praia. Esta é uma das praias que poderás incluir no teu roteiro quando fores visitar Porto Cervo. Os preços são mais convidativos e a praia é fantástica. Um bom complemento para um dia bem passado.

Teresa Gallura

Saindo da Costa Esmeralda, e rumando mais para a parte norte da ilha, tens Santa Teresa Gallura, uma vila bem simpática. À noite, o seu centro está fechado ao trânsito e as ruas são preenchidas com esplanadas e pequenas bancas onde os artesões locais expõem a sua arte e produtos naturais e regionais.

Também é daqui que saem os ferries para a Córsega. Existem saídas regulares a todas as horas para Bonifácio, uma vila lindíssima onde a sua fortaleza é visita obrigatória para aproveitar os seus museus, restaurantes e lojas que polvilham as pequenas ruas que aí existem. Sem dúvida um dia bem passado! Para aqueles que tenha alugado um carro, também poderão levar o carro no ferry e assim passear um pouco mais pela Córsega.

Castelsardo & La Pelosa

Seguindo mais para oeste, passas por inúmeras praias até chegar a Castelsardo com a sua fortaleza que, à primeira vista, e não terá grande interesse, mas, subindo à fortaleza irás descobrir vistas magníficas e alguns restaurantes e lojas. Foi por aqui que a Disney filmou parte da última versão do filme “A Pequena Sereia”. Tens aqui um bom local para fazer uma paragem a caminho da famosa praia de La Pelosa. Se não for na ida, provavelmente no regresso encontrarás um bom sítio para jantar!



Arcipelago di La Maddalena

E depois existe o Arcipelago di La Maddalena. Um pequeno pedaço de paraíso, de visita obrigatória. Está no topo nordeste da ilha, e por aqui já navegou Napoleão que deixou algumas lembranças da sua passagem em algumas fortalezas que ainda hoje caracterizam o arquipélago.



A forma de aqui chegar é através de barco. Mas que saibas que existem barcos e barcos. Uma das formas é através da uma excursão que te irá levar a banhos nas praias da Ilha de Santa Maria e na ilha de Spargi. Tens ainda uma paragem em La Maddalena para passeares pelas suas charmosas ruas repletas de lojas e esplanadas. A meio da viagem terás um almoço de pasta onde as bebidas não estão geralmente incluídas.

Outra das formas de conheceres o arquipélago, é alugares um semi-rígido, conhecido por estas bandas como Gomone. As saídas são efetuadas geralmente de Palau, Porto Pollo, Cannegione ou por um dos inúmeros portos que existem ao longo da costa. Logo à saída, o responsável pelo aluguer do barco irá dar-te todas as dicas para que possas ter um dia bem passado e com toda a segurança. Teres o teu telemóvel com o google maps é imprescindível pois irá ajudar a descobrires o melhor caminho no teu regresso ao porto.

O aluguer é diário e poderá incluir já o combustível e o skipper se assim preferires. Aqui é imprescindível lebares o teu almoço. Ao alugares o Gomone, poderás também alugar uma geladeira para guardares os teus alimentos e bebidas. Com exceção da ilha de La Maddalena, todas as outras não têm onde adquirires alimentos e bebidas. Já com tudo pronto, é altura de zarpar rumo à Descoberta!

Uma ilha onde não serão apenas as praias que farão parte das tuas memórias. As suas gentes, artesanato, gastronomia e os seus vinhos irão abrihantar de forma única a tua estadia.

Se gostas de leitão, existem os restaurantes locais Agriturismo que têm o famoso porchetto al forno a legna su letto di mirto. Seguramente que não é igual ao da Bairrada mas acredita que te vai apaixonar!





Curiosidades sobre a Sardenha

Uma ilha rodeada de lendas e mitos, não só pela reconhecida beleza das suas paisagens e da sua natureza, mas também pelas histórias e tradições que a caracterizam: a Sardenha é uma terra de maravilhas, à espera de se revelar, com todos os seus segredos, para quem parte em busca de novas descobertas e conhecimentos.

Ichnusa é o nome de uma conhecida cerveja da Sardenha, mas é em primeiro lugar o nome que os povos gregos deram à ilha durante os anos das suas conquistas, devido à forma particular desta terra, que se assemelha à de uma pegada. Mais tarde, os gregos deram um novo nome à ilha - Sandaliotis, termo antigo que significa “sandália”. Até os latinos da época, incluindo o escritor Plínio, o Velho, adotaram esse nome, que deu origem ao contemporâneo “Sardegna”.

O Desfiladeiro de Gorropu é extraordinário e profundo, não deixando nada a desejar aos grandes parques da América do Norte. Abre-se entre as extensões do Supramonte, e é um destino obrigatório para os amantes de excursões e passeios na natureza. Considerado por muitos o desfiladeiro mais bonito de Itália, formou-se ao longo dos anos graças à ação erosiva do rio Flumineddu e, com os seus 500 metros de profundidade, é um dos maiores da Europa.

Além disso, existem muitas lendas ligadas a este lugar com conotações quase mágicas. Há quem diga que nas fendas mais profundas se avistam as estrelas durante o dia, ou que à noi-te as flores dos fetos machos nascem por magia nas paredes íngremes.

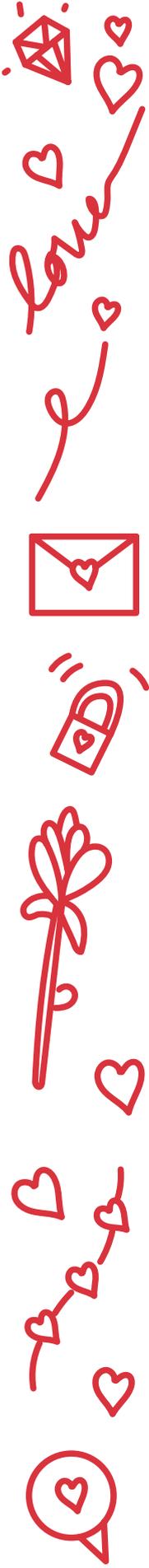
Estas são apenas algumas curiosidades. Há mais como a história da origem e significado da bandeira com os 4 mouros, ou a história da pirâmide babilónica no Monte D’Accoddi, a árvore mais antiga de Itália que está em Luras, os genes dos Sardos... São muitos e bons, os motivos que fazem da Sardenha - e da Costa Esmeralda - uma das visitas imperdíveis no mediterrâneo. Não percas a oportunidade de te apaixonares com o que vais encontrar!





Natura Glamping

A simplicidade da Natureza, a magia de um momento a dois



Bem-vindo ao paraíso dos amantes da natureza e das experiências únicas! Se és daqueles que adora a simplicidade da vida ao ar livre, mas também não dispensas um toque de sofisticação e conforto, o Natura Glamping é o lugar perfeito para ti.

Localizado num cenário deslumbrante em pleno coração da Serra da Gardunha, a 925 metros de altitude, e com uma fantástica vista para a Serra da Estrela, este acampamento de luxo oferece uma experiência inesquecível para quem deseja fugir da agitação da cidade e aproveitar momentos de paz e tranquilidade a dois.

Imagina-te a acordar de manhã com o som dos pássaros e o murmúrio das folhas das árvores, abrir a porta da tua tenda e deparares-te com uma vista deslumbrante para a paisagem envolvente. Aqui, cada detalhe foi pensado para te proporcionar uma estadia memorável, desde as tendas espaçosas e confortáveis até às áreas comuns cuidadosamente decoradas.

Além disso, o Natura Glamping oferece uma série de atividades e experiências, desde caminhadas pela natureza até passeios de bicicleta, passeios a cavalo e até mesmo sessões de yoga ao ar livre. E se és aventureiro, há também a possibilidade de fazer escalada, canoagem ou até mesmo voos de balão.

Ao final do dia, nada como relaxar junto à fogueira, degustar um delicioso churrasco e contemplar o céu estrelado. E se aprecias uma boa gastronomia, não deixes de provar os pratos típicos da região, preparados com ingredientes frescos e locais, no restaurante do acampamento.

O Natura Glamping é muito mais do que um simples acampamento, é uma experiência sensorial que desperta todos os teus sentidos e te conecta com a natureza de uma forma única. Por isso, se estás à procura de uma escapadinha para recarregar as energias, não penses duas vezes e vem conhecer este verdadeiro refúgio natural.

Prepara-te para te surpreenderes, para te encantares e para viver momentos que ficarão para sempre na tua memória. Com a combinação perfeita entre natureza, conforto e romance, o Natura Glamping é o local ideal para uma escapadinha a dois inesquecível. Se está à procura de um refúgio tranquilo para relaxar e desfrutar da tua companhia preferida, este é o destino perfeito para ti.





Hakuna Matata: Uma Jornada de Moto pela África

Era 21 de Fevereiro de 2023 e, após pouco mais de 30 dias no Brasil, era momento de colocar os pés novamente na estrada. Na verdade, não os pés dessa vez, mas sim os pneus.

Embarcava para a África do Sul, coincidentemente, após 1 ano de visita ao país. Na minha última estadia, não havia desfrutado como gostaria. Houve duas razões: a primeira, pois havia me voluntariado em um pequeno vilarejo na famosa rota dos jardins, chamado Wilderness. A segunda razão são os desafios que envolvem a locomoção no país. Há uma tremenda deficiência de transporte público e, para piorar a situação, é um país com alto índice de criminalidade.





Nessa jornada, a ideia era diferente. Durante 1 ano, havia discutido uma parceria com a marca Hero, fabricante de motos indianas e com forte presença no continente. Em troca de conteúdo, a empresa me disponibilizaria uma motocicleta para desfrutar os confins do sul do continente.

Minha jornada iniciou com um trânsito de 35h. Devido à pandemia, os voos que cruzavam o Atlântico entre Brasil e África haviam sido suspensos e as poucas opções remanescentes me obrigavam a seguir rumo ao noroeste, Europa ou Oriente Médio, antes de apontar a direção ao Sul. À África! Cheguei pelo aeroporto de Johannesburg. Embora não seja a capital do país, é uma das principais cidades, dada sua importância no século passado na exploração de minérios, em especial o ouro. A cidade está a quase 2000m de altitude e, felizmente, cheguei em uma época com temperaturas mais agradáveis, embora com desafios relacionados à chuva.



Era final de tarde e fiz uma breve visita à loja Fire It Up, responsável não somente pela comercialização das motos HERO, mas também pela importação e representação da marca em solo africano. Tive a oportunidade de conhecer toda a equipe que me apoiaria com possíveis demandas nas semanas seguintes e, o mais importante, conhecer minha linda Lucile, nome que dei à minha XPULSE. Seguindo a tradição dos barcos, para evitar que a má sorte me atingisse durante minha jornada, ficou proibido nomear minha fiel escudeira com um sujeito masculino.



Um breve resumo...

Foram 45 dias, três países e mais de 5500 km nessa jornada inicial. Os primeiros dias rodando pelo noroeste foram desafiadores. A África do Sul enfrentava fortes chuvas que deixaram parte da estrutura do país em desalento e tornaram minha viagem mais divertida ao pilotar a motocicleta por estradas inundadas e cheias de buracos, mas também mais perigosas. Na primeira semana, atravessei Glocersdal, Tzaneen e Graskop. Infelizmente, não aproveitei as rotas cênicas desses destinos por conta da chuva. No entanto, a partir de Graskop, próximo à fronteira com Essuatini, as coisas começaram a melhorar. Cruzei a fronteira em 27 de fevereiro, 6 dias após o início dessa jornada. Utilizei a fronteira de Jeppes Reef, por sugestão dos locais, e logo nos primeiros quilômetros já foi possível identificar que de fato me encontrava em um novo país, embora ainda “dentro da África do Sul”, paradoxalmente. Da fronteira até minha acomodação, foram pouco mais de 120 km percorridos em estradas que muitos motociclistas invejariam. Cadeias de montanhas pairavam no meu horizonte e, quanto mais eu subia em altitude, mais raivoso ficava o vento e mais a temperatura caía.

Minha acomodação, escolhida também por sugestão dos locais, estava localizada dentro de uma reserva natural e, portanto, com uma vida selvagem exuberante. Ao entrar com a motocicleta, atravessei zebras, impalas, javalis (pumbas), gnus e diversos outros animais. Ali não estão presentes os BIG 5 (leões, elefantes, rinocerontes, búfalos e leopardos), e portanto é permitido o “bush walk” ou caminhar pela savana de forma autônoma. Claramente, eu fiz! Consegui até admirar crocodilos no lago próximo à acomodação. Após alguns dias desfrutando da região, era momento de partir. Entrei pelo norte de Essuatini e saí pelo extremo sul. Minha intenção era alcançar uma cidade chamada Mtunzini, localizada na costa do Eastern Cape, ou cabo oriental, banhado ainda pelo oceano Índico. Devido à distância envolvida, fiz uma parada de descanso em Hluhluwew, uma região com intensa quantidade de game reserves (áreas privadas que oferecem safáris a visitantes). O tempo nessa região continuou de mau humor e tive que passar por áreas inundadas. Também foi ali que vi, pela primeira vez nessa expedição, girafas através das cercas.



Segui rumo a Mtunzini e tive que encarar a temida N2, abarrotada de caminhões escoando carvão para o porto de Richard Bay. O tráfego era tão intenso que dirigi pelo acostamento por quase todo o percurso, evitando assim a fúria dos motoristas. Mtunzini está a 140 km ao norte de Durban, uma das principais cidades do país. Também por indicação de locais que havia obtido dias atrás, encontrei um camping dentro de um parque nacional (Umlalazi Wildlife). Fui o único a pernoitar no local. As praias da região são selvagens e não são apropriadas para banho. Contentei-me em caminhar pelas longuíssimas faixas de areia e admirar as belas paisagens. De um lado, um vasto oceano. Do outro, uma área de mata fechada e rios que desembocam no mar.

Da costa, era hora de voltar ao interior. Nos meus planos estava a famosa cadeia de montanhas conhecida como Drakensberg (a montanha do dragão). Ela se estende até o reino de Lesoto, que também era meu destino, pois havia planos de cruzar o icônico Sani Pass (uma passagem entre as montanhas até Lesoto). A distância era novamente considerável e, portanto, outra parada era necessária. Escolhi Mooi River pela R614, evitando cidades grandes como Durban. A estrada também é bastante cênica, apesar das nuvens escuras que me acompanharam durante todo o percurso.



Encontrei uma acomodação fora da cidade, cujo proprietário trabalhava arduamente para recuperar os prejuízos das recentes chuvas. O rio, localizado a poucos metros abaixo da acomodação, havia inundado e destruído parte de sua estrutura. No dia seguinte, após pesquisar rotas de acesso até Underberg, cidade base para o famoso Sani Pass, optei por Nottingham Road. Era uma estrada 100% off-road e bastante deserta ao longo de todo o percurso. Tive dificuldade em atravessá-la devido à lama e, principalmente, às áreas inundadas. Rodei dezenas e dezenas de quilômetros sem encontrar qualquer sinal de vida. Passei o dia na estrada e me recordo do medo que senti especificamente nesse episódio. Estava rodando em lugares ermos, enlameados e sem qualquer sinal de suporte caso eu precisasse. No entanto, o medo que me manteve responsável, cauteloso e lúcido durante o percurso se transformou em uma felicidade plena.



A região de Underberg possui tantos predicados que se torna difícil descrevê-la. São estradas cênicas que circundam as cadeias montanhosas da região. Encontrei um refúgio a 7 km da fronteira sul-africana, muito próximo ao Sani Pass.

É imprescindível que a escalada ocorra em dias favoráveis para evitar contratempos. Na manhã seguinte, acordei no escuro, deixei todos os meus pertences na acomodação, tomei um belo café, verifiquei novamente a previsão do tempo e parti para finalmente encarar o tão esperado Sani Pass. Após carimbar o passaporte, são 9 km de subida em uma estrada de cascalho até Lesoto. Devido à natureza desafiadora e, de certa forma, perigosa, somente veículos 4x4 e excursões programadas são autorizadas a seguir. E lá estava eu, em uma motocicleta, escalando o lugar que tanto esperei.



Foram pouco mais de 1 hora para concluir os 9 km até carimbar o passaporte na fronteira de Lesoto. Entrei no país e fiquei maravilhado com a beleza natural. Alcancei o ponto mais alto, a 3400 metros de altitude, e senti o poder do ar rarefeito não apenas sobre mim, mas também em Lucile. Passei o dia explorando, conversando com os locais e percorrendo alguns quilômetros dentro de Lesoto. O céu nublado logo substituiu o azul que me acompanhava. Decidi, então, iniciar o caminho de retorno até Underberg. E lá se foram mais 9 km de descida íngreme pelo Sani Pass. Aqui se provou, mais uma vez, acertada minha decisão de adquirir uma moto leve para a aventura que me propus a fazer.

Seria extremamente desafiador escalar o Sani Pass com um veículo pesado e de difícil manuseio. No dia seguinte, rumei à costa novamente. Muito havia ouvido falar sobre Wild Coast, ou costa selvagem, localizada na costa leste do país e lar de uma das tribos mais relevantes: Xhosa. Inclusive, é a mesma tribo da qual Mandela fazia parte. Confesso que não foi um percurso agradável. Tinha preocupações ao atravessar Mthatha, cidade conhecida pelos altos índices de criminalidade. Poucos quilômetros antes de entrar na cidade, fui parado em um ponto de verificação policial e, ao tentar me alertar, aumentaram minhas preocupações para atravessar pela inevitável cidade.



Com a devida cautela e beneficiado pela agilidade que Lucile me oferecia, atravessei rapidamente pela cidade e finalmente alcancei o último trecho até Coffee Bay, o destino que havia escolhido na Wild Coast. Embora cansado da longa viagem, me diverti nas péssimas estradas que ligam Mthatha a Coffee Bay. Muito mais ágil e veloz do que os ônibus, carros e caminhões, recuperei o tempo perdido nas autoestradas.

Infelizmente, o paraíso, como é conhecido Coffee Bay, havia se transformado em destruição. Dias antes da minha chegada, a região enfrentou fortes chuvas e ventos, derrubando árvores e trazendo muito lixo do mar para a praia. Encontrei até um contêiner na areia da praia próxima à minha acomodação. Lamentei pelo sofrimento dos moradores locais, mas não pude deixar de aproveitar as belas paisagens que o local oferecia.



Resolvi descansar por alguns dias antes de colocar as rodas na estrada novamente. Meu objetivo era o Addo National Park. Sou apaixonado pelo maior mamífero terrestre do planeta e não podia deixar de conferir o lar dos elefantes na África do Sul. Seria um caminho muito longo e decidi fazer uma parada em Morgans Bay. A cidade não é popular entre os estrangeiros que visitam o país. Como não existem estradas que ligam diretamente a costa nessa região, é necessário percorrer alguns quilômetros em direção ao continente antes de seguir para o oeste. O mau tempo continuou me acompanhando, mas felizmente a chuva não me alcançou. A costa sul-africana é bastante selvagem e conhecida pelos fortes ventos. Para chegar a Morgans Bay, é necessário cruzar o rio Great Kei, que percorre 320 km antes de desembocar no Oceano Índico. Na ausência de uma ponte que conecte o continente, fiz a travessia em uma pequena balsa.

Minha estadia, embora curta, foi extremamente proveitosa. Existem diversos penhascos ao redor da cidade que valem uma visita para apreciar o mar que cerca a região. Na companhia dos moradores locais, acompanhei uma pescaria durante a maré baixa. Como meu objetivo era visitar o Addo, na manhã seguinte retornei à estrada em direção ao parque nacional.



Encontrei uma acomodação a poucos quilômetros do portão de acesso ao Addo e aproveitei a proximidade para reservar um safári ao nascer do sol. Mais tarde, percebi que foi uma decisão equivocada, já que os elefantes são animais tímidos nesse horário.

Na noite que antecedeu minha visita, fui convidado pelo anfitrião da acomodação para um braai sul-africano. No Brasil, como sabemos, o churrasco é bastante popular, mas a qualidade da carne sul-africana é impressionante até mesmo para nós, brasileiros. Antes dos primeiros raios de sol, já estava pilotando pela manhã gelada em direção ao portão principal do parque.

Infelizmente, não consegui avistar nenhum elefante entre os mais de 500 que habitam o parque. Seria cômico se não fosse trágico para alguém que esperava tanto por esse encontro. Mas essa é justamente a maior virtude de um safári: a imprevisibilidade.

Era hora de rumar para temperaturas mais agradáveis e explorar uma região bastante conhecida, não apenas pelos sul-africanos, mas especialmente pelos estrangeiros que visitam o país. Jeffreys Bay era meu próximo destino. Pouco mais de uma centena de quilômetros ligava o parque nacional de Addo à cidade litorânea.



Foi um caminho proveitoso atravessando pequenas cidades e estradas com vegetação exuberante. Eu estava entrando em uma região que ansiava muito por conhecer e que pouco pude desfrutar em minha última visita ao país. Jeffreys Bay respira o surf. É o lar de uma das etapas do WSL (World Surf League), e a praia é conhecida por suas ondas tubulares. Durante o campeonato, é possível se aproximar de todos os surfistas profissionais que viajam pelo mundo em busca das melhores ondas.

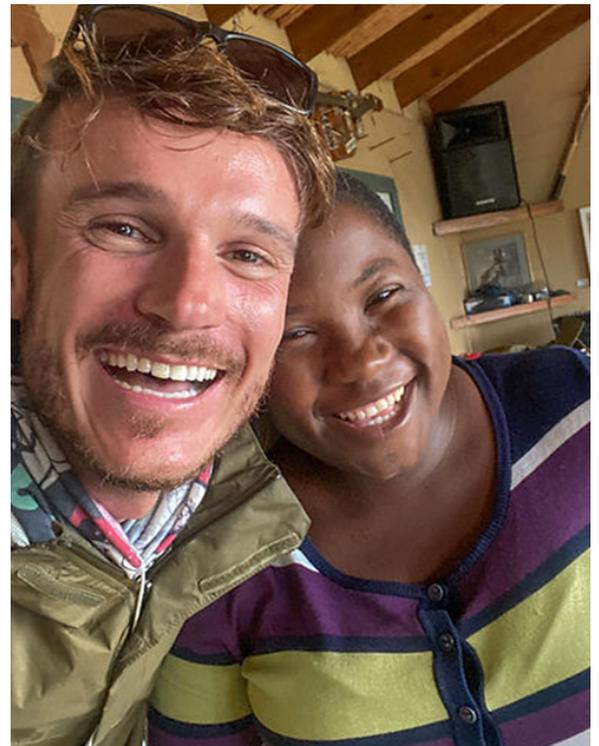
Embora o local seja conhecido pelas ondas poderosas, as praias também são amigáveis para iniciantes. Muitos estrangeiros visitam Jeffreys Bay para iniciar no surf. Era hora de diminuir o ritmo e aproveitar mais a jornada. Passei alguns dias na cidade para curtir a vibe, tomar uma boa cerveja gelada e confraternizar com outros viajantes.

Era um merecido descanso para alguém que havia enfrentado estradas cheias de desafios, além do mau tempo que me perseguiu por longos dias. De Jeffreys Bay, continuei seguindo para o oeste em direção a Nature's Valley. Na minha opinião, é uma das regiões mais bonitas da Rota dos Jardins. Como eu já havia visitado o parque nacional de Tsitsikamma, decidi passar apenas um dia na região antes de seguir viagem. Estava ansioso para retornar a Wilderness, uma pequena cidade que foi meu lar por pouco mais de um mês, um ano antes, em 2022.



Wilderness é uma cidade acolhedora e um paraíso para os amantes da natureza. Fiquei hospedado por quase uma semana desfrutando todas as atividades que a região oferece, incluindo o parque nacional de Wilderness. Visitei também o mapa da África. Duas montanhas que se assemelham ao continente africano, além de observar golfinhos na praia da cidade. Ali também é possível se divertir das diversas estradas de terra e cascalho.

De Wilderness segui a dois passes que ansiava por fazer em duas rodas: Montagu Pass e Swartberg Pass. Difícil eleger as melhores aventuras nessa jornada mas sem dúvidas esses dois passes foram memoráveis. Talvez tenham sido, junto com o Sani Pass e mais uma outra aventura que ainda irei contar, os lugares mais épicos que estive com minha Lucile.



Optei por dormir em Oudtshoorn, considerando que seguiria para o Karoo pela famosa rota 62 (Route 62), uma região semiárida. Como mencionei anteriormente, é difícil eleger os lugares mais épicos dessa jornada, mas sem dúvida a rota 62 também está entre eles. Aqui, a sensação de “nada” está presente a cada quilômetro percorrido. O local é extremamente remoto, mas cheio de brilho pela beleza do deserto. Eu sabia da existência de um acampamento com águas termais a poucos quilômetros de Barrydale, e decidi pernoitar lá por duas noites, aproveitando as piscinas de água quente. Como sempre, fui muito bem recebido pelos sul-africanos, sempre muito curiosos sobre minha jornada.



De Barrydale continuei pela rota 62 passando por cidades icônicas como Montagu e Robertson. Aqui seguia para meu último destino na África do Sul: a Cidade do Cabo. Coração já seguia apertado mas sabia que ainda havia grandes aventuras pela frente. A Cidade do Cabo é um paraíso para aventureiros e amantes da natureza, além de ser uma das cidades mais bonitas que já visitei no mundo. Aproveitei a estrutura da cidade para fazer a primeira revisão de Lucile, que até então não havia apresentado nenhum problema. Dirigi várias vezes pela Chapman's Peak, uma rota cênica que liga a Cidade do Cabo a Simons Town, onde é possível encontrar pinguins. Também é possível chegar ao Cabo da Boa Esperança pela mesma rota, um local descoberto no século XV pelo explorador e navegador português Bartolomeu Dias.

Aproveitei minha visita para escalar a Table Mountain e o Lions Head algumas vezes. Pude admirar o pôr do sol do Signal Hill, Sunset Rock e Camps Bay. Curta a atmosfera boêmia da cidade e interagi com outros viajantes.

E aqui, em uma das cidades mais bonitas do mundo, encerrei a primeira fase da minha jornada com Lucile. Não poderia estar mais grato por todos os lugares incríveis que ela me levou, sempre resiliente, econômica e confiável. Estive em muitos lugares remotos, longe da civilização, e ter uma companheira confiável como Lucile tornou minhas aventuras muito mais prazerosas.



Uma sociedade dividida...

A África do Sul possui um passado bárbaro do qual podemos aprender muito. Com um histórico de repressão e segregação que durou 46 anos, em quase todos os lugares que visitei, não vi brancos e negros compartilhando momentos de lazer juntos. As relações presenciadas estavam limitadas a vínculos empregatícios. Ao analisar as estatísticas disponíveis na internet, percebe-se que os brancos representam pouco mais de 8% da população, mas detêm mais de 70% das áreas rurais produtoras e mais de 25% dos imóveis urbanos. Isso é resultado dos benefícios concedidos durante o regime do apartheid, como facilidade de acesso ao crédito e pagamento.



Os desafios não param por aí. A maioria dos brancos fala duas línguas: inglês e africâner (originado a partir do holandês devido à colonização holandesa). Já os negros estão divididos em 11 tribos, cada uma com sua cultura e idioma próprio. As principais são Zulu, Xhosa (a tribo de Nelson Mandela) e Sesotho.

Um paralelo com nosso país...

É possível traçar um paralelo com o Brasil na carência de educação, segurança e saúde. Assim como no Brasil, o país também precisa incluir os mais desprivilegiados e diminuir o gap entre ricos e pobres. Os últimos governos, envolvidos em diversos escândalos de corrupção, pouco contribuíram para superar esses desafios. Neste vácuo, partidos extremistas têm ganhado apoio da sociedade, como o EFF, por exemplo. Com um discurso radical contra o capitalismo e o liberalismo econômico, pregam a desapropriação das terras e até mesmo a expulsão da minoria do país. Atualmente, possuem apoio de cerca de 10% da população. Parece pouco, mas é nesse vácuo político, na crise econômica e social, que o extremismo tem se alimentado.

É possível superar, mas antes... A África do Sul possui inúmeras virtudes que a tornam capaz de se tornar uma potência econômica. O país é rico em recursos naturais e possui uma indústria desenvolvida, além de um forte setor de turismo, representando quase 10% do PIB. No entanto, para alcançar esse potencial, é necessário enfrentar os desafios sociais, políticos e econômicos e curar as feridas do passado.

A cultura extrativista é comum em muitos países, onde a minoria privilegiada muitas vezes controla o destino da nação. Recentemente, o Uganda aprovou uma lei que criminaliza atos homossexuais, o que é lamentável e repugnante. Além disso, essa lei serve como uma cortina de fumaça para que o atual presidente autocrata, que está no poder desde 1986, possa perseguir opositores e se manter no poder. Infelizmente, é possível que outros países do leste da África sigam esse exemplo. Muitos países no continente ainda estão envolvidos em conflitos armados, o que é paradoxal, pois os recursos naturais que poderiam ser utilizados para promover o desenvolvimento econômico e social são, muitas vezes, a causa de conflitos para determinar quem irá explorá-los em benefício próprio. Infelizmente, como sempre, os mais pobres são os mais afetados, vivendo à margem da sociedade e sem qualquer suporte social.

Os países africanos possuem a chave para o progresso, o desenvolvimento sustentável e a prosperidade, mas muitas vezes mantêm sistemas políticos e econômicos desiguais e excludentes que perpetuam a pobreza e a desigualdade social em benefício de poucos. É necessário mudar essa realidade para que a África possa alcançar seu verdadeiro potencial. Um abraço e boas aventuras!



Até a próxima aventureiros,

Gabriel Turano
Hakuna Matata
Experience





Explorando o Gerês: Um Paraíso Natural no Norte de Portugal

O Parque Nacional da Peneda-Gerês, situa-se a norte de Portugal delimitado pelo Minho, Trás-os-Montes e a Galiza. É um destino que deve fazer parte do nosso currículo de viagens, mas em especial para os amantes da natureza e das aventuras ao ar livre. Reconhecido pela sua beleza natural intocada, este parque oferece uma combinação perfeita de paisagens deslumbrantes, atividades emocionantes e uma rica gastronomia local. Desafiamos-te a descobrir o Gerês no que fazer, no que visitar e nas delícias culinárias que não vais poder perder.



Trilhos e Caminhadas

O Gerês é um paraíso para os caminhantes, com uma rede extensa de trilhos que variam em dificuldade. Algumas das rotas mais populares incluem: *Trilho da Águia do Sarilhão*: Um percurso circular com cerca de 13 km que te oferece vistas deslumbrantes sobre os vales e montanhas.

Cascata do Arado: Um dos locais mais icónicos do Gerês, esta cascata é de fácil acesso e perfeita para um mergulho refrescante.

Trilho da Cidade da Calcedónia: Uma rota desafiante que te leva às ruínas históricas e oferece vistas panorâmicas inesquecíveis.



Descobrir as Aldeias Históricas

Sem dúvida nenhuma as referências das aldeias tradicionais do Gerês, e que, recomendamos descobrir, Lindoso e Soajo, são paragens obrigatórias. Aqui, podes admirar os espigueiros centenários e sentir a autenticidade da vida rural portuguesa.

Visita ao Santuário de São Bento da Porta Aberta: Este é o segundo maior santuário de Portugal e atrai milhares de peregrinos todos os anos. A igreja, construída no século XVII, é um exemplo magnífico de arquitetura religiosa.

Termas e Spas: Naturalmente que para “viver” o Gerês, exige um pouco de nós, são dias de aventura que nos pedem relaxar no final do dia. Até nisso o Gerês é fantástico. As suas termas, naturais, são conhecidas pelas propriedades terapêuticas das suas águas termais, e proporcionam uma experiência inolvidável.



Atividades Imperdíveis

Desportos Aquáticos: Para os mais radicais, os rios, os lagos e as montanhas do Gerês são perfeitos para as mais diversas actividades. Experiências que podem ir desde canoagem, paddle, Tours 4x4, passeios de Buggy e até moto 4. A Albufeira da Caniçada é especialmente popular para os entusiastas dos desportos aquáticos.

Observação de Vida Selvagem: O parque é um habitat de referência para diversas espécies de fauna e flora. Com alguma sorte, poderás avistar cavalos selvagens, veados e a rara águia-real.

Passeios a Cavalo: Explora o parque numa experiência “fora da caixa” e que será certamente inesquecível. Descobrir o Gerês em passeios a cavalo, uma forma serena e encantadora de apreciar as paisagens.

De Bicicleta: Cada vez ganha mais adeptos, e uma vez mais, para os aventureiros, os trilhos de BTT que percorrem as montanhas proporcionam uma dose extra de adrenalina.

Gastronomia: Sabores do Gerês

A gastronomia do Gerês é uma verdadeira celebração dos sabores tradicionais do Minho. Aqui estão alguns pratos e produtos que recomendamos sem dúvida que experimentes: Cozido à Portuguesa, não haverá certamente quem não conheça, este prato robusto preparado com carnes variadas, enchidos e vegetais, acompanhado de um belo vinho regional. Sugerimos ao chef Tiago um próximo artigo dedicado a este clássico da culinária.

Posta Barrosã: Uma especialidade da região, esta carne de vaca, grelhada na perfeição, é suculenta e cheia de sabor.

Bacalhau à Minhota: O bacalhau, preparado de diversas formas, é sempre uma aposta segura e é uma imagem de marca mundial. À Minhota, servido com uma deliciosa cebolada e batatas, é um outro ícone gastronómico do Gerês.

Mel e Queijo da Serra do Gerês: Não podes vir embora sem descobrir, provando, o mel produzido localmente e os queijos tradicionais, perfeitos para finalizar qualquer refeição.

Vinho Verde: Se és apreciador de vinho, e gostas de descobrir os sabores do que visitas, recomendamos acompanhar a refeição com um Vinho Verde da região. Uma especialidade que complementa maravilhosamente os pratos locais.

Classificamos o Gerês como um destino para descobrir em família, e das experiências já vividas, para este formato não podemos deixar de recomendar a Quinta dos Carqueijais. Um sítio sublime, preparado com tudo e para tudo, em cima do Cávado, parece que dormimos com o rio. Faz-nos parecer que nada mais existe a nossa volta, o ar como que arde no peito de tão puro e momentos que nos apetece repetir uma e outra vez.

O Gerês é um destino que combina a serenidade da natureza com a emoção das atividades ao ar livre e a riqueza cultural e gastronómica da região. Seja para uma escapadela relaxante ou uma aventura cheia de ação, o Gerês promete uma experiência inesquecível. Prepara as botas da caminhada, o fato de banho e o apetite, e vem descobrir tudo o que este paraíso natural tem para te oferecer.

Nélio Ribeiro
Portugal Contract
Manager Interrias



Roteiro: Índia

Há 3 meses atrás pisei pela primeira vez o solo indiano, a terra que me apaixonava ao longe e que me arrebatou o coração nos dias que se seguiram. Muitas pessoas dizem-me que a Índia não é para elas... E realmente não será para todos! É, sem dúvida, uma terra de dicotomias, do muito belo e do muito feio. Acredito que seja um daqueles locais que ou se ama ou se odeia, onde um meio termo não se aplica.

Tinha algum receio de como ia reagir a essas diferenças em relação à nossa realidade, às ruas sujas, aos cheiros, à pobreza... Mas a verdade é que tudo foi mais leve e simples do que poderia imaginar! Não sei explicar exatamente porquê, talvez por querer tanto ali estar, talvez porque a diferença me trouxe mais lições e ainda mais certeza de que sou muito abençoada, talvez porque não terá sido a primeira vez que a minha alma ali esteve...

Sempre que me algo me perturbava, sentia ao mesmo tempo uma vontade enorme de contrariar o primeiro instinto de “fugir”, enfrentava a situação... saía da minha área de conforto. E, ao fazê-lo, tudo ficava sempre mais fácil e leve. Queria viver a Índia e para o fazer tinha que estar na confusão e na calma, nas cores garridas e no cinzento, no bonito e no feio que ela tem! Tinha que olhar as pessoas nos olhos, tocar tudo o que pudesse tocar, aproveitar todas as experiências novas... ser o mais possível uma indiana. E talvez o mais importante de tudo, respeitar aquilo que a Índia é!

E posso dizer que a vivi, profunda e intensamente!!! E foi tão bom!
A Índia veio comigo ao mesmo tempo que uma parte de mim ficou lá...



Uma das coisas que mais me marcou na cultura indiana foi a hospitalidade e os sorrisos no rosto de todos. Trouxe a certeza de que são um povo onde há uma imensa gratidão pelo que têm, mesmo que isso seja muito pouco. Nas ruas convidavam-nos para irmos a festas de casamentos onde “havia muita comida”. Tivemos a oportunidade de ser recebidos em mais do que uma casa e perceber que o lema deles “Um hóspede é Deus no Lar” é levado muito a sério.

“Um povo faz o seu país e os indianos contribuíram imenso para que esta viagem fosse tão maravilhosa.”





Nova Deli

De todas as cidades que visitámos, Deli é aquela onde mais se notam os contrastes. Há zonas que parecem uma qualquer cidade ocidental e outras em que se a Índia não se consegue “esconder”. O Gurudwara Bangla Sahib, um templo Sikh, onde se ouve praticamente o dia todo Gurbani, um cântico que se assemelha aos mantras, o Templo de Akshardam (onde infelizmente não entram máquinas fotográficas ou telemóveis) e o Lotus Temple, foram os locais que mais me cativaram. Mas andar pelas ruas repletas de lojas de Connaught Place e lidar de perto com o povo indiano foi maravilhoso também.



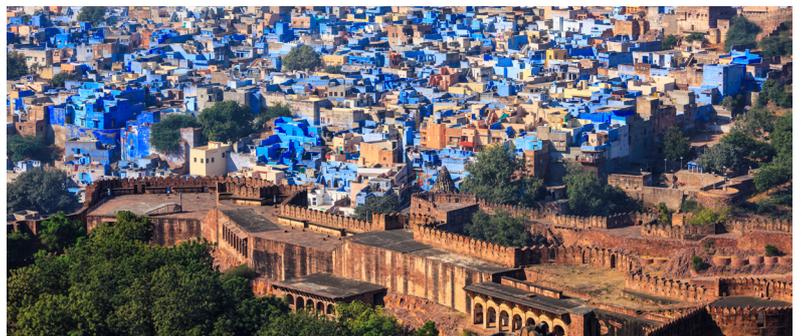
Pushkar

Este foi o local que mais me ficou no coração. Ao chegar tive uma sensação de pertença, como se já lá tivesse estado. Depois de 3 dias na Índia só aqui senti que tinha realmente chegado. Pushkar significa nascido de uma flor e há várias lendas que falam da origem desta cidade, sendo mesmo considerada a origem do mundo. Mas seja o que for que ali aconteceu, este é, sem dúvida, um lugar com uma energia e vibração muito intensas, seja na calma junto ao lago e nos templos ou no caos nas ruas da cidade.



Jodhpur

Jodhpur é chamada de Cidade Azul e o porquê do nome é bem notório quando olhamos para a cidade de cima a partir do Forte de Mehrangarh. Construído no alto de uma colina, avista-se de todas as partes da cidade este edifício majestoso em tons de vermelho. Os pormenores de construção são lindíssimos, desde os detalhes nas paredes aos vitrais. Bem perto existe o Jaswant Thada, um palacete que se revelou uma agradável surpresa, tanto pelos detalhes todos em mármore branco como pelo jardim que o rodeia.





Manvar

Passamos uma noite no Manvar Camp, um complexo de tendas localizado no deserto de Thar, um lugar idílico onde tanto o nascer como o pôr do sol são magníficos. As tendas são simplesmente fantásticas. Fomos recebidos também aqui num ambiente de festa que faz qualquer pessoa sentir-se acarinhada. O caminho até lá foi feito num Jeep Safari, com algumas paragens para visitar as pessoas da zona e conhecer as suas tradições. Mais uma vez, fomos recebidos de braços abertos e com muita vontade de nos mostrar como vivem, mesmo com a barreira linguística bem presente.



Agra

Não era daquelas pessoas que tinha um fascínio pelo Taj Mahal, mas querendo também aproveitar para ter a experiência de viajar de comboio na Índia, fomos então a Agra. A viagem correu extremamente bem e a comida no comboio surpreendeu pela positiva. Quanto ao Taj Mahal, só posso dizer que foi das experiências mais arrebatadoras que tive, e até agora nem sei bem porquê, dei comigo a chorar completamente esmagada pelas emoções ao me deparar com aquele monumento imponente construído por amor à beira do Ganges. Aqui conhecemos um dos indianos mais incríveis que nos transportou no seu tuc-tuc todo o dia.



Rishikesh

Para uma praticante de Yoga ir à Índia e não ir a Rishikesh, considerada a capital do Yoga, era impensável. Como melhores momentos destaco o tão ansiado banho no rio Ganges e todos os rituais que acontecem à beira deste rio considerado sagrado pelos indianos, e a visita ao Áshrama dos Beatles. Um espaço onde, sem dúvida, foi escrita uma parte da história da música. A influência da música indiana está bem presente nas músicas criadas enquanto viveram na Índia, praticaram Meditação e aprenderam a tocar instrumentos típicos indianos, como o sítar.



Ana Filipa Neves
Professora de Yoga



Kerkyra:

A musa do Mar Jónico... que conhecemos por Corfu

Os gregos chamam-lhe Kerkyra. Os outros chamam-lhe Corfu. Mas independentemente do nome pela qual a chamamos, esta ilha grega será sempre bela, fazendo justiça à lenda que lhe deu o nome. Diz essa lenda que Kerkyra, uma das doze ninfas filhas dos reis Asopo e Metope, foi raptada por Poseidon, que não resistiu à sua beleza e se apaixonou loucamente por ela, tendo-a levado para a ilha, à qual foi dado o seu nome, mas que nós conhecemos por Corfu.

E ao visitar a ilha, percebi facilmente a razão pela qual o Deus dos Oceanos reconheceu nela a beleza da sua amada e lhe deu o seu nome. Corfu é um verdadeiro paraíso de beleza natural. De clima mediterrâneo e paisagens deslumbrantes, esta ilha é um destino encantador repleto de praias com águas cristalinas, montanhas verdejantes e vilas pitorescas.

O que mais me encantou em Corfu foram as suas praias de água quente e cor azul turquesa, perfeitas para relaxar, nadar e aproveitar o sol. A ilha oferece uma ampla variedade de praias, desde enseadas isoladas até praias mais movimentadas com bares e atividades aquáticas. A praia de Paleokastritsa, com as suas falésias e águas azuis cristalinas, e a Praia de Canal d'Amour, conhecida por suas formações rochosas impressionantes são dois dos tesouros naturais de Corfu. Mas aquela que mais me fascinou foi Porto Timoni, duas baías pequenas, divididas por uma estreita enseada de areia e alguma vegetação. Chegar lá não é fácil, o carro tem de ficar no cimo da montanha e o caminho tem de ser feito a pé por um trilho bastante sinuoso, mas assim que conseguimos vislumbrar as praias por entre os arbustos e as rochas, percebemos que valeu a pena o esforço e recuperamos a energia apenas com a perspectiva de mergulharmos naquele mar.

Mas, para além das praias, Corfu oferece também uma rica herança cultural, com os seus antigos palácios venezianos, fortalezas e até castelos medievais e igrejas ortodoxas. O Palácio de Achilleion, construído no século XIX para ser a casa de férias da imperatriz Sissi da Áustria, é um exemplo magnífico da arquitetura neoclássica. Já a cidade antiga de Corfu, Patrimônio Mundial da UNESCO, preserva a cultura e história da ilha. Ao caminhar pelas suas ruas estreitas e bastante animadas, é possível perdermo-nos nos seus labirintos de edifícios históricos de arquitetura veneziana, pintados em tons pastéis.

A beleza de Corfu cativou-me verdadeiramente e a simplicidade, simpatia e alegria dos seus habitantes também... A musa Kerkyra ficará para sempre na minha memória e no meu coração.

Patrícia Fernandes
Descobrimentos World
Travel & Tours





Felicidade = Viajar?

Sabia que quem viaja é mais feliz?



Um estudo feito por pesquisadores da Washington State University, nos Estados Unidos, nomeadamente por Chun-Chu Chen, professor assistente, revela que, perante uma amostra de 500 inquiridos, metade referiu fazer pelo menos 4 viagens de lazer por ano, enquanto uma minoria não viajou. Outra conclusão relevante deste estudo revela que viajar regularmente, pelo menos a uma distância de 120 quilómetros de casa, aumenta o nível de felicidade 7% quando questionados sobre o bem-estar geral, em comparação com os que assumiram viajar muito raramente ou nunca.

Acredito que não estás surpreendido/a porque até parece muito óbvio. Verdade, mas talvez não seja assim tão óbvio as razões que levam a tal verdade. E será que é válido para qualquer tipo de viagem? E o que está por detrás das verdadeiras razões?

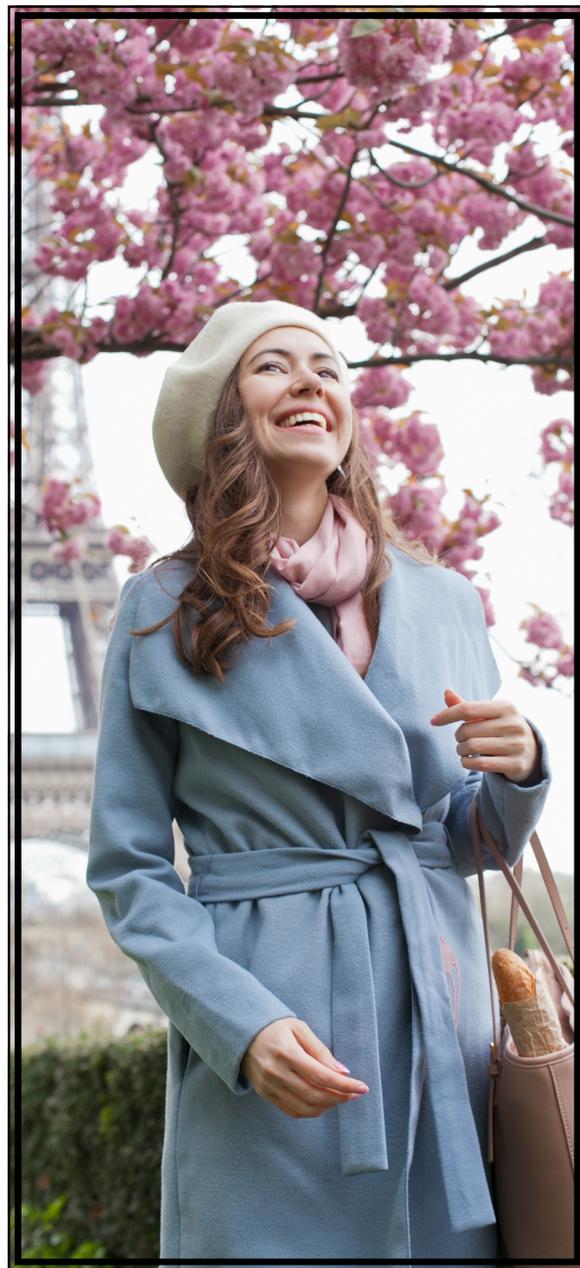
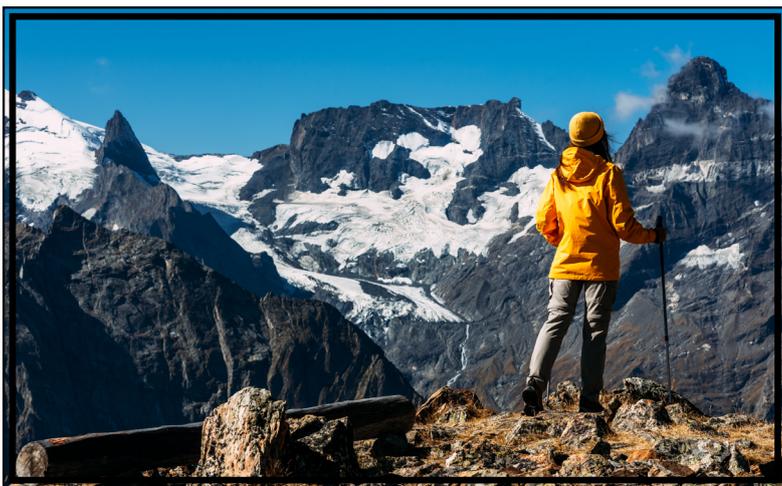


Viajar para longe de casa, para locais que quebram as nossas rotinas, que nos dão uma nova visão cultural, que nos permitem sermos ainda mais nós mesmos, são algumas das razões.

Sabias que quando viajas o mais importante pode não ser a escolha do local? Então o que será? A companhia?

Claro que a companhia é muito importante, talvez um dos ingredientes mais relevantes. Ainda assim, há algo que “hoje” torna uma viagem o apogeu de uma felicidade quase inigualável. A experiência que essa viagem te proporciona. Os sabores, os cheiros, a adrenalina, a calma, o inesperado, aquele pormenor que de toda a diferença. Até mesmo a forma como és acolhido. Aquele sorriso de um desconhecido, aquele mimo quando chegas ao hotel da tua agência de viagens (e eu sei do que falo). Podes planear tudo, mas é no acaso que se revelam as experiências que te irão acompanhar nas tuas memórias.

Têê Magui



Viajar amplia a tua visão sobre o mundo, sobre as pessoas, e apenas porque te sentes especial. Mas a felicidade de viajar não termina na experiência e nos demais ingredientes que partilhei... há um elemento que te acompanha em todas as viagens, e as torna memoráveis...Pensa numa viagem que te tenha marcado Pensa num momento que ficou para sempre na tua memória. Lembras da roupa que tinhas vestido? Onde foi? Quem estava?

As peças de roupa que escolhes levar para uma aventura irrepitível, vão para sempre fazer parte da tua história. Se pensas que as escolhes ao acaso, eu terei sérias dúvidas, se pensas em cada detalhe é porque já percebeste que elas também são a tua viagem.

Se estás triste tens de viajar... se estás na melhor fase da tua vida tens de viajar... se estás sozinha viaja hoje... se tens um grupo altamente para viajar estás à espera de quê? Simplesmente viaja e deixa o resto acontecer.



Teresa Coimbra
CEO e *Founder*
TêêMagui
e Grupo
NeuroMais

Zanzibar - Tanzânia





Japão:

A história de amor perpétua...

Se vos disser que quero voltar, voltar muitas vezes, quem sabe até viver durante uns meses... acreditariam em mim? O Japão é saudade eterna, um sonho de criança tornado realidade. Um país para nos “perdermos” e vagabundear sem limites de tempo. Fui. Eu, o Gonçalo e o Daniel. Só os três à descoberta. E encontramos um país sereno, silencioso, mítico até. Um lugar onde a história preservada encontra o futuro incerto.





“Aliás, existe uma Tóquio em cima e outra debaixo de terra.”

Um país de animes, lojas de rua, bares e restaurantes aos milhares, grandes e pequenos quase metade de um quarto. E em todos eles, conhecemos um povo que nos soube receber porque soubemos respeitar.

E nem sequer me deixem começar a falar de comida porque é deliciosa, para todos os gostos e até relativamente barata.

Carne de wagyu é divindade na terra, o ramen aquece o coração e os onigiris das lojas de conveniência são maior achado da Humanidade. Aliás, a comida nas combini são um tesouro à face do planeta.

Os carros são micromachines daqueles que costumávamos brincar, mas para caber em sítios tão apertados em determinados bairros, são o ideal. A azáfama do metropolitano contrasta com a quase ausência de confusão rodoviária na superfície. Aliás, existe uma Tóquio em cima e outra debaixo de terra.

Mas Tóquio também é acalmia, com o zoo para passear, e os parques cheios de sakuras prontas a desabrochar, também é uma refeição num restaurante vazio, ou uma carruagem de metro em silêncio completo, só ouvindo a voz gravada a debitar o nome das estações e ligações. Os sons são tão claros e audíveis que acabam como memórias boas nas nossas recordações, principalmente as músicas das combini.

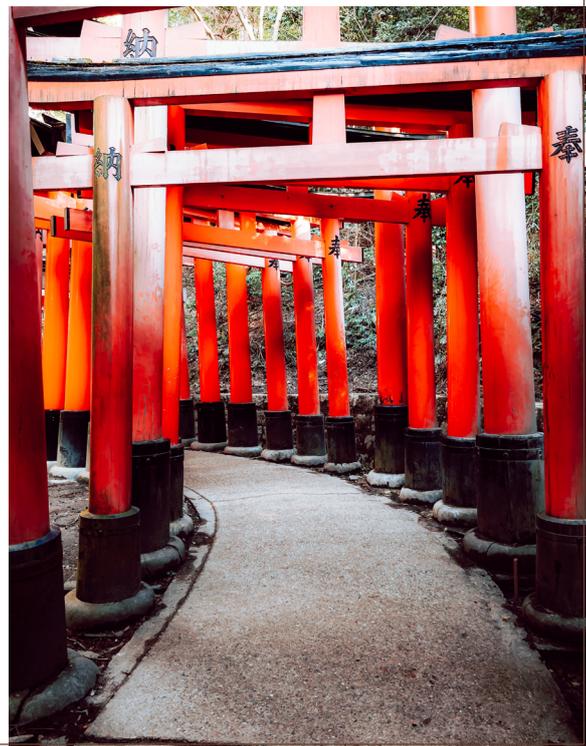
Kyoto é sinónimo de história, cultura, e tradição. Os belos kimonos, as rezas constantes, o lavar das mãos e os pedidos de um bom futuro. Táxis e autocarros modernizados mas com aspecto dos 70 dão toda uma vibe de antiguidade à ex-capital do Império.

Osaka por seu lado é uma cidade que é praticamente um shopping mall único. Com os diversos bairros e ruas a desembocar na mesma zona e a permitir que milhares de pessoas andem sempre a mirar as lojas.

Façam um favor a vós mesmos. Marquem viagem para o Japão, comprem um e-Sim com dados móveis, usem o cartão SUICA na vossa Apple Wallet ou Google Wallet e “percam-se” pelas terras do Sol Nascente. Podem agradecer-me depois.



Marcio Menino
Travel Photographer



Não tenhas medo!

A capacidade do ser humano de superar os seus medos, e de se adaptar às diversas situações a que se propõe na vida, só está ao alcance de um ser vivo que faz das suas capacidades de resiliência e renovação as suas maiores valências.

Por vezes, atribuímos ao conceito do medo designações diferentes, tais como angústia, ansiedade ou preocupação. O medo é uma reação espontânea e natural, intrínseca à sobrevivência das espécies, e que o Homem sente ao longo das várias etapas da sua vida, podendo incluir inúmeros patamares.

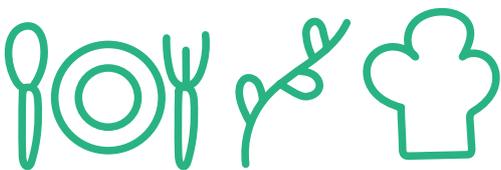
Para o ser humano, o medo pode ser considerado como um sentimento de receio em relação a uma pessoa, a uma situação ou até mesmo a um objeto. Para cada indivíduo é intrínseco, o que amedronta, podendo ser diferente ou igual para qualquer um de nós.

Nos dias de hoje, o medo é uma das principais razões para a paralisação das pessoas, pois estas preferem manter-se em situações desagradáveis (habitualmente consideradas como zonas de conforto), sem tentarem alguma mudança. Estas pessoas preferem permanecer em más situações ou em situações “confortáveis”, não se permitindo evoluir e crescer, dado que geralmente receiam a mudança, algo novo e desconhecido.

Apesar de, numa forma geral, nunca ter havido tantas condições para que possamos sentir medo e tanta intolerância a emoções negativas como acontece presentemente, perante as diversas contrariedades a que estamos continuamente a ser sujeitos, devemos tentar superá-las, seguir em frente, mudar a perspetiva das coisas, pois o que é importante é tentar perder o medo do medo.

Tal como acontece com tantas situações do quotidiano, também se passa o mesmo em relação à alimentação. O medo ou a recusa em provar os alimentos é conhecido como neofobia, cujo significado literal é “medo de experimentar alimentos desconhecidos”, que pode estar associado ao facto de rejeitar novos produtos alimentares assim como acontece muitas vezes na infância ou na fase de desenvolvimento do recém-nascido.

Pensa-se que o ato de comer é entendido como um processo muito simples, mas a verdade é que esta ação é incrivelmente complexa, podendo ser um verdadeiro desafio para muitas pessoas com alteração dos seus processos corporais.



Chef Tiago Almeida
Chef de cozinha privado
Formador no AEMGP e IPL
Consultor gastronómico
da Descobrimentos



Concretamente, esta predisposição de conseguirmos colocar-nos numa missão altruísta de experimentar novos produtos gastronómicos, cozinhar com novos ingredientes ou apenas misturar sabores desconhecidos permite estimular a nossa criatividade e, acima de tudo, a liberdade sensorial de sentir e transformar medos em coragem.

É essencialmente este sentimento destemido de coragem que levo para as minhas viagens onde absorvo, a cada dentada, a gastronomia, abstraindo-me do medo de experimentar.

A última experiência foi a minha visita à Eslovénia, onde me deixei apaixonar por cada experiência e mergulhei num país lindíssimo.

Banhado pelo rio Drava, Maribor (2ª maior cidade da Eslovénia) é um emaranhar de influências gastronómicas vindas da Itália, Alemanha e países da antiga Jugoslávia. Conhecida gastronomicamente pelos seus vinhos brancos perfumados de qualidade e a sua requintada pastelaria, faz da sua famosa sobremesa nacional de camadas Prekmurska gibanica, (uma combinação de maçã, queijo cottage, noz e sementes) uma verdadeira delícia que estimula os paladares mais conservadores.

Carregada de paladares doces e robustos bem como texturas pouco convencionais na pastelaria mais mediterrânica, esta sobremesa cativa pela sua estrutura e complexidade.

Nesta edição da revista Descobrimientos trago-vos a minha interpretação dos sabores desta sobremesa, sem medos e receios de experimentar novos paladares.

A riqueza gastronómica do mundo é uma caminhada única e individual que cada um de nós atravessa e, para viveres isso intensamente, digo-te: **“Não tenhas medo!”**

Receita

(Acompanhe a receita através do Qr code)





Active Team 24: “O Mundo é um livro e quem não viaja lê apenas uma página.”



Viajar é uma das experiências mais enriquecedoras que podemos ter na vida. Conhecer novos lugares e culturas permite-nos expandir horizontes e viver momentos inesquecíveis, ensinando-nos não só sobre o mundo, mas sobre nós próprios.

Viajar é uma forma de escapar à rotina do dia-a-dia, de explorar novos horizontes e de se sentir livre.

Seja uma viagem de aventura, de relaxamento, de descoberta ou mesmo de negócios, cada experiência de viagem traz consigo uma série de aprendizagens e emoções. Ao viajar, temos a oportunidade de conhecer novos lugares, provar gastronomias diferentes, praticar idiomas e fazer novas amizades.

Podemos visitar museus, parques, praias, montanhas, cidades cosmopolitas ou vilarejos remotos, sempre com a certeza de que voltaremos para casa com histórias para contar.

No mundo atual, em que estamos permanentemente conectados, muitas vezes esquecemos a importância do simples.

Ao viajar podemos sair da nossa zona de conforto e enfrentar desafios. Estar num lugar desconhecido obriga a que sejamos mais flexíveis, abertos, tolerantes e empáticos, proporcionando um crescimento pessoal e uma ampliação da nossa visão de mundo.

Além disso, as viagens contribuem para a nossa saúde mental e bem-estar. Mudar de cenário, respirar ar puro e aproveitar momentos de descanso são importantes para recarregar as energias e reduzir o stress diário.

Para finalizar nunca é demais recordar que viajar implica igualmente responsabilidades.

Devemos respeitar o meio ambiente, as culturas locais e as leis do país visitado, agindo sempre de forma consciente e sustentável.

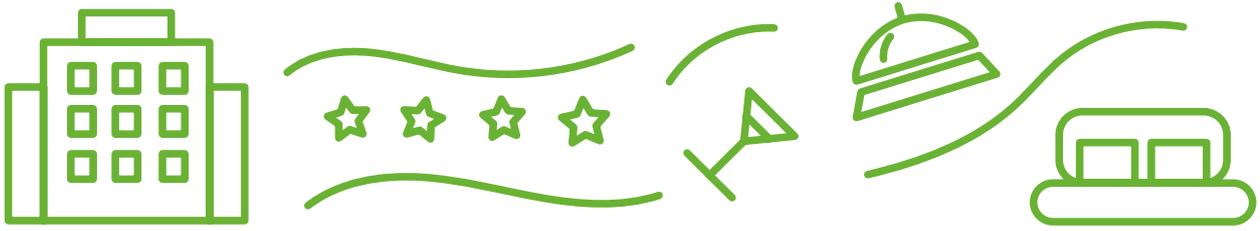
Pensando em tudo isso, a revista Descobrimientos onde tenho o privilégio de ser parceira com a Active Tema 24 traz o tema: Viagens.

Neste os leitores são convidados a explorar novos destinos e embarcar em aventuras que ficarão marcadas nas memórias para sempre. Afinal, como já dizia Santo Agostinho, “o mundo é um livro e quem não viaja lê apenas uma página”.

Assim, não perca mais tempo e comece a planear a sua próxima viagem. Aproveite cada momento, cada paisagem, cada encontro e faça da sua viagem uma experiência inesquecível.

E lembre-se: o importante não é a distância que percorremos, mas sim as memórias que criamos ao longo do caminho.

Cláudia Alves (Consultora de Viagens / ActiveTeam24)



O Clube do Cristóvão



Já fazes parte do meu clube exclusivo no Facebook?



Próxima Edição:



City Break:
Atenas

Sazonal:
Creta

A 2:
Costa
Amalfitana

Em PT:
Algarve Interior

Natural:
Passadiços



Contactos:

Descobrimentos World Travel & Tours
Av. Victor Gallo, nº 160 - 2430-174 - Marinha Grande
+351 244 094 159 | +351 968 645 590
reservas@descobrimentos.com.pt
De Segunda a Sexta: 09:30h - 13:00h/14:30h - 19:00h
Assistência em Viagem 24h



RNAV7 8287